

Historias em Quadrinhos e Formação de Professores

Comics and Teacher Formation

Hylío Laganá Fernandes

Universidade Federal de São Carlos
hylío@ufscar.br

Vitor de Tarso Guerra

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
coringa.guerra@gmail.com

Renata Midori Saito

renatam.saito@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho analisa processos educativos relacionados a produção de uma revista impressa de divulgação científico-cultural com linguagem de histórias em quadrinhos (HQ) – GIBIOzine, editada semestralmente desde 2007 na Universidade Federal de São Carlos. Parte-se da contextualização da revista e são tecidas reflexões sobre uma atividade formativa com licenciandos de biologia que envolve linguagens imágéticas e criatividade e resulta no material que a compõe. Foram investigados desdobramentos dessa atividade na vivência profissional de professores formados, cujos resultados são discutidos no presente trabalho. As fontes de dados consideradas para análise são a própria coleção de revistas e informações obtidas por dois professores formados nesse curso. Os resultados mostram que a revista ganhou consistência e coerência ao longo de sua existência, e a atividade realizada na sua dinâmica de produção contribui na formação docente dos licenciandos e tem desdobramentos nas suas práticas.

Palavras chave: histórias em quadrinhos, criatividade, formação de professores

Abstract

This paper analyzes the processes related to the production of a print magazine of scientific and cultural dissemination with language comics (HQ) - GIBIOzine, published semiannually since 2007 in a federal university. Will be presented a history of the magazine and developed reflections on formative activity with teachers of biology that involves imagetive languages and creativity, a work that results in comics to compose the magazine; will be considered further developments of this activity in the experience of teachers. The sources of data considered for analysis are the own collection of magazines, a TCC student who had HQ as our research and information placed by a teacher graduate in this course that uses HQ in their teaching activities. The results show that the magazine has gained consistency and coherence throughout its existence, and this activity performed in dynamic

production may contribute to the training of undergraduates and have ramifications in teaching practice.

Key words: comics, creativity, teacher formation

Situando a revista

A revista GIBIOzine, enfocada neste trabalho, foi concebida em 2006 e nasceu num formato classico de *fanzine*, montada com fotocópias, cola-bastão e grampeador, mas teve desde 2008 apoio financeiro como projeto extensionista da Pro-reitoria de Extensão da Universidade Federal de São Carlos (ProEx-UFSCar), quando pode ser editada em tiragens de mil exemplares, capa colorida e miolo preto-e-branco. Em 2009 foi indexada com ISSN (do inglês: *International Standard Serial Number*), que é um número internacional normalizado para publicações seriadas. Sua distribuição é gratuita e acontece em diferentes circunstancias: em escolas públicas, eventos academicos de quadrinhos e/ou de educação, praças e outros espaços urbanos de convivencia, além, é claro, da circulação entre a própria comunidade universitária.

Uma característica endêmica desta revista é o fato de propor a utilização de HQ para divulgar ciencia, mais especificamente ciencias biológicas: há diversos trabalhos de pesquisa com a linguagem dos quadrinhos (ANDRAUS & SANTOS,2010; RAMA & VERGUEIRO, 2007; FRANCO, 2005), excelentes obras (pontuais) de divulgação científica e cultural em quadrinhos, e experiencias exitosas de uso de quadrinhos no ensino, porém é mais rara uma revista periódica em quadrinhos pensada para divulgação da ciência (CARUSO, 2002). A aceitação do GIBIOzine, nos espaços em que é gratuitamente distribuída tem sido muito boa, o que sugere que pode operar razoavelmente bem como veículo de comunicação para divulgação científica e cultural.

São colocados como objetivos educativos e extensionistas dessa proposta: 1-contribuir na formação docente de professores de biologia e ciencias, a partir da reflexão e prática com o uso de linguagens imágéticas (no caso específico, HQ) para o ensino e 2-produzir (coletivamente) uma revista semestral de divulgação científico-cultural utilizando a linguagem dos quadrinhos. Para o desenvolvimento dessa proposta convergem diversos elementos: há uma disciplina de graduação, obrigatória, com carga horaria de 30h, e trabalho especificamente focado para tratar as linguagens imágéticas; um projeto de extensão institucional, que conta inclusive com um bolsista para auxiliar em todo processo; um sistema de divulgação e contato virtual, através de redes de relacionamento, site e e-mail próprio; além de contatos e parcerias externas diversas com pesquisadores e artistas.

A disciplina supra mencionada é ofertada como obrigatória no curso de Licenciatura Plena em Ciencias Biológicas UFSCar, *campus* Sorocaba. Nela os licenciandos são convidados a utilizar linguagem dos quadrinhos (HQ) para a produção de uma narrativa educativa no campo da biologia. Os trabalhos são desenvolvidos em pequenos grupos – duplas ou trios. Privilegia-se nesse processo a criatividade, e procura-se para tanto estabelecer um ambiente não-diretivo, inspirado na proposição feita por Carl Rogers (ROGERS, 1983, 2002), no qual haja liberdade para expressão e diálogo. Obviamente durante a disciplina é feita uma contextualização dessa produção, são tratadas teoricamente questões referentes a comunicação, linguagens imágéticas e a linguagem dual dos quadrinhos em particular, assim como é feita indicação para que se pensem as HQ para um público jovem, possivelmente da escola básica. Sugere-se, sem exigir, a temática com assuntos que orbitem o universo

biológico, em função do curso ser de Ciências Biológicas. A não-diretividade explicita-se no processo criativo em que os estudantes devem produzir suas próprias HQ.

Nas HQ produzidas pelos licenciandos a precisão conceitual é condição para publicação, e no processo de produção/avaliação diversas HQ são reelaboradas pelos seus autores, a partir da constatação de falhas comunicativas e/ou inconsistências ou equívocos conceituais. Entende-se que tal exercício de produção favoreça a autonomia e auxilie o licenciando a (re)pensar os conceitos biológicos que vai desenvolver e apresentar, levando a uma reelaboração conceitual (crítica); ainda como parte desse processo, admite-se que o estudante amplia seu repertório comunicativo, na medida que trabalha com uma linguagem (desenho) normalmente preterida na escolarização, que tradicionalmente valoriza a escrita.

O projeto extensionista atrelado a essa proposta educativa fornece um importante apoio para a impressão da tiragem padrão de mil exemplares da revista, além de um bolsista que colabora em todas as etapas de produção. Na prática essa proposta tem contado sempre com uma pequena equipe de estudantes voluntários. Esse apoio financeiro permite que a revista possa ser produzida com boa qualidade gráfica e distribuída gratuitamente. Diversas são as estratégias e públicos para distribuição: além da comunidade universitária do *campus*, a revista tem sido distribuída em praças públicas, eventos científicos e escolas públicas. Algumas edições tiveram seu conteúdo pensado para estudantes do ensino fundamental e médio, e foram especialmente direcionadas para escolas públicas da região; outras tem maior heterogeneidade nas obras, possibilitando acesso a um público mais variado. Essa variação na linha editorial deve-se, em parte, às condições de produção do material, sujeito a variações segundo a já mencionada dinâmica não-diretiva de sua produção.

No presente momento, após doze números publicados, e portanto com certa consistência editorial, estão sendo desenvolvidos trabalhos de pesquisa para investigar um pouco mais sistematicamente essa produção, sua influência na formação e prática docente e potencialidade didática na divulgação científica. Este trabalho apresenta os resultados de uma investigação que buscou entender como, para os licenciandos envolvidos, a experiência de produção da revista na graduação pode influenciar a prática docente que desenvolvem posteriormente. Enfoca, portanto, o processo de formação de professores que participaram dessa atividade, e suas implicações nas práticas docentes que adotam quando formados.

Formação docente

Os estudantes de licenciatura, sabemos, não vão formar suas concepções de ensino (apenas) na graduação: antes do ensino superior passaram por anos de escolarização, durante os quais certamente construíram modelos e representações do trabalho docente - professores marcantes, modelos de aula, relação com a ciência e seu ensino, estereótipos transmitidos pela mídia, para citar algumas referências, imprimem marcas na formação das concepções acerca do ensino. Também já chegam impregnados da lógica escolar: ordem, disciplina, hierarquia, a verdade incontestável conhecimentos escolares-científicos sistematizados curricularmente, que devem ser reproduzidos nas avaliações para obtenção de uma boa nota - um currículo oculto que vai sendo incorporado, sedimentado e assimilado durante o processo de escolarização e moldando modos de ação e comportamento. Enfim, *“quando os alunos chegam aos cursos de formação de professores, já tem anos de formação, de idéias, de crenças, de valores, de gostos e desgostos, de preferências ou preconceitos em relação a ser professor”* (MARIN, 1996).

Destaca-se nessa escolarização constituída na educação básica um outro elemento importante para a presente discussão, qual seja, o desestímulo da forma de expressão “desenho”, praticado desde o início da alfabetização na educação escolar. Nossa tradição cultural

grafocêntrica prioriza a linguagem escrita, “menosprezando” a expressão icônica: uma vez que a criança saiba escrever não deve mais desenhar para expressar-se. Desenha apenas quem não sabe escrever, e isso inclusive pode ser motivo de vergonha a partir de certa idade. Evidentemente certas pessoas “insistem” em continuar desenhando, não raro preenchendo as margens dos cadernos escolares com seus desenhos, enquanto as linhas se destinam aos textos, gráficos, tabelas e demais formas aceitas pelo sistema do saber “oficial”. Há alguns anos repete-se a pergunta “*quem sabe desenhar?*” em diferentes turmas de licenciatura em ciências biológicas: dois ou três alunos dizem saber, os demais não se manifestam. O processo formativo avaliado neste trabalho envolve, portanto, ruptura com elementos da escolarização que tendem a obstruir a criatividade: o primeiro, bem evidente, da descapacitação para o desenho como forma expressiva; outro, mais inconsciente, do hábito da reprodução, e não da criação, na escola.

Obviamente a oralidade, assim como sua transcrição gráfica na forma escrita, é de importância capital na atual sociedade; o que não significa que outras formas expressivas não sejam importantes (corporais, imagéticas, multimidiáticas). Há vinte anos Almeida (ALMEIDA, 1994) ponderava que vivia-se um momento em que a imagem exercia uma forte influência na vida cotidiana, mediando informações, comunicando ideais, formando cultura. Suas afirmações seguem mais válidas do que nunca. Na sociedade do conhecimento, mundializada na efervescente mídia internetica, o domínio de formas de expressão imagética se faz muito relevante: não se trata de saber desenhar ou não, mas de dominar (minimamente) a leitura dessas linguagens para estabelecer uma relação mais crítica com essa fonte de informações. Tal discussão é problematizada durante o processo formativo aqui avaliado: aprendemos a ler textos escritos, não imagens; aprendemos a escrever, não desenhar.

Esse momento formativo é privilegiado para a formação dos professores, na medida que permite uma discussão teórica diretamente associada a prática: a vivência de produção imagética com fins educativos proporciona espaço para tal integração.

Na perspectiva da formação docente, a proposta pedagógica aqui analisada pauta-se no humanismo de Carl Rogers (ROGERS, 1983; 2002), que propõe a não-diretividade das ações formativas como caminho para a autonomia. O principal aspecto a investigar no presente trabalho diz respeito a essa proposta formativa, tendo como fonte de dados reflexões e práticas de professores que cursaram a disciplina. Tem um caráter eminentemente qualitativo, pautando a análise em registros narrativos elaborados pelos professores que participam da pesquisa.

Breve contextualização histórica

No ano de 2006 em uma atividade avaliativa visando trabalhar quadrinhos na formação de professores, dois estudantes elaboraram a história de uma florzinha muito “*charmosa e cheirosa que fazia fotossíntese*”, a Florosa; foi sugerido em uma aula subsequente que toda a turma elaborasse, livremente, a continuação dessa história.

Nessas elaborações os rumos de Florosa foram os mais diversos possíveis: não houve, nesse momento, qualquer preocupação no direcionamento dos conceitos apresentados, uma vez que a proposta visava nesse momento desenvolver a criatividade e o exercício com desenho. Contudo a maioria das HQ produzidas tinha embutidos conceitos biológicos, alguns mais mesclados a idéias fantasiosas, outros mais atrelados à realidade, mas nenhum fugia completamente desse campo, nem apresentava conceitos estapafúrdios. A partir dessa constatação no conjunto das obras decidiu-se por montar um “gibi” (nome dado popularmente no Brasil para revista de HQ) que pudesse servir como veículo de divulgação científica do campo biológico: nasce o GIBIO. Como a proposta de produção aproximava-se da ideologia do *fanzine* (ANDRAUS & SANTOS, 2010), adicionou-se o sufixo *zine*, resultando no atual GIBIOzine.

Dada a grande aceitação no meio universitário, a revista passa a ter “oficialmente” periodicidade semestral, e isso gera um problema com relação a proposta original: a disciplina em que são produzidas as HQ é oferecida apenas uma vez no ano. Desse modo as contribuições dos licenciandos da biologia, que interessam nesta análise, constam apenas nos números ímpares da revista (os números pares são elaborados com as contribuições de colaboradores – estudantes voluntários e parceiros externos).

Em algumas edições abordou o tema “autobiografias”, tarefa inspirada numa interessante proposta desenvolvida pelo professor Elydio Santos (SANTOS NETO, 2006, ANDRAUS, G. & SANTOS NETO, 2010) . Os estudantes da biologia colaboraram produzindo também biografias de geneticistas, pesquisadores famosos e professores, com parceria de uma outra professora, geneticista do campus.

Alguns números foram desenvolvidos junto a trabalhos vinculados ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), contando com diversas HQ de alunos de nível fundamental de Escola Estadual, produzidas em oficinas de escrita em parceria com professores da escola.

A relação com a comunidade externa foi se tornando cada vez mais forte, evidenciando o caráter extensionista da revista que interliga-se a esse processo educativo: incorpora-se a produção artística de um talentoso grafiteiro da cidade, reproduzindo uma de suas obras na contra-capa. A capa desse número também foi montada sobre um grafite da Florosa: justamente aproveitando o gancho dessa arte urbana a equipe da revista elabora uma série de grafites, um dos quais é utilizado nessa capa. Do ponto de vista editorial as produções desse número são bastante coerentes, transitando todas sobre a temática ambiente-sustentabilidade, muito possivelmente influenciado pelo que acabou emergindo durante as discussões durante a disciplina.

Essa mesma orientação permaneceu na elaboração de outra edição, cujo tema foi “Biodiversidade”. Nas HQ desse número ficou evidente a preocupação com a degradação ambiental, e no grafite da capa, também produzido pela equipe de voluntários, a Florosa aparece como Atlas sustentando um planeta Terra poluído. As produções dos licenciandos transitaram por diversos temas dentro do universo biológico. Nota-se nesse conjunto uma enorme diversidade de estilos de desenho (dos “hominhos palito” a representações realistas), que pode enriquecer o repertório visual do leitor ao mesmo tempo que pode encoraja-lo ao desenho: há HQ muito interessantes feitas com traços muito simples.

Avaliando a produção e a formação docente

O formato com tamanho A3 proporciona o melhor aproveitamento do papel na gráfica e é bastante confortável para leitura, com capa colorida e tiragens de mil exemplares permite que todos os autores tenham diversos exemplares visualmente atrativos para distribuir. A receptividade da revista tem sido muito boa, principalmente no meio universitário, mas também entre os jovens da escola básica, como a experiência de distribuição tem mostrado. Nas observações não sistemáticas feitas nesse período, nota-se entre as pessoas que ganham a revista uma grande maioria que abre a revista, folheia, le alguns trechos segundo a disponibilidade de tempo no momento. Não foi observando ninguém jogar fora a revista, e frequentemente as pessoas sentam para concluir suas leituras.

Como já posto por Vergueiro (RAMA & VERGUEIRO, 2007), os quadrinhos, entendidos como arte gráfica sequencial e também como meio de comunicação, tem grande aceitação entre o público universitário – e entre o público jovem em geral. A proposta de seu uso na Divulgação Científica não é novidade, tendo já sido levantado seu potencial por diversos autores (CARUSO, CARVALHO & SILVEIRA, 2002; DANTON, 2010); da mesma maneira sua utilização no ensino tem sido evidenciada em inúmeros trabalhos apresentados em encontros na área de educação: em sua maioria esses trabalhos utilizam HQ comerciais já

prontos (frequentemente a Turma da Monica, de Maurício de Souza), mas há também propostas em que o processo é movido pela produção dos estudantes (CARUSO, 2002; RAMA & VERGUEIRO, 2007).

Um outro ponto a ser destacado diz respeito a uma qualidade presente na maior parte das histórias: o conteúdo não é apresentado de forma sisuda e didatizante, e sim tenta ser apresentado de modo animado, bem humorado. Considere-se que a síntese necessária para montar uma HQ “leve” e “animada” pode não dar conta de colocar todos os elementos necessários para a plena compreensão de um determinado conceito: numa ponderação ideal devem mobilizar conhecimentos prévios no leitor (daí a ênfase em se pensar, durante a produção, no público a que se destina), aos quais se acrescenta alguma informação e/ou reflexão. As piadinhas necessitam a compreensão do trocadilho ou da incoerência para serem engraçadas, e com isso ainda podem gerar curiosidade no leitor para conhecer mais, “provocando” o leitor. Contudo, sobre a avaliação desta produção aqui não podemos mais que especular, este é um ponto que ainda precisa investigações.

Nota-se, a partir do olhar panorâmico para o conjunto das revistas, que há uma coerência crescente nas produções, e que deste ponto de vista a revista apresenta um interessante potencial para educação na perspectiva da divulgação científica. Mas como fica isso desde o ponto de vista dos estudantes que participam dessas dinâmicas formativas? Para nos aproximar um pouco de respostas a isso foram contatados dois formados turma 2006: “Suky”, que realizou seu TCC com o tema quadrinhos, e “Xabi”, que trabalha atualmente como professor concursado na rede estadual paulista.

Iniciaremos pelo trabalho de *Suky*, que no TCC defendido em 2010 debruçou-se na análise na trajetória da revista, mas enfocando paralelamente sua própria formação universitária e o espaço para o desenvolvimento da criatividade advindo dessa atividade. Suas reflexões abrem espaço para interessantes considerações. Nas suas palavras: *“A partir desse trabalho e dos muitos que se seguiram, me encontrei na graduação, pois vi uma forma de trabalhar a arte da qual tanto gosto, unida à Biologia; era a Ciência e Arte caminhando juntas. Além da divulgação científica (para o outro), o processo de produção da revista proporcionou um aprendizado (para mim)”*.

A partir dessa colocação, e de outras presentes nesse TCC, fica evidente que o fato de trabalhar com uma linguagem que aproxima “ciência e arte”, traduzido no binômio “conteúdos de biologia e quadrinhos”, proporciona um espaço privilegiado para aqueles que já carregam em sua formação o gosto por desenhar, que era o caso dessa pessoa. Mas o aprendizado atribuído não foi referente ao desenho, e sim aos conceitos biológicos, para sistematização dos quais tiveram que ser pesquisados, reavaliados e ressignificados sentidos para a elaboração da HQ: *“Eu tive que pesquisar sobre temas que achava que conhecia bem, mas que na hora de fazer a história via que tinha lacunas de informações”*. O trabalho de elaboração das HQ de fato colabora para produção do conhecimento acerca daquilo que se quer narrar. Podemos inferir, ainda, o processo de autonomia que subjaz essa atitude: é o estudante que vai atrás de informações necessárias, a partir do momento que percebeu sua limitação. Desde o referencial pedagógico que adotamos isso tudo pode ser considerado um resultado positivo e bastante satisfatório, na medida que evidentemente conduz a autonomia do estudante.

Avaliar os desdobramentos que essa atividade pode suscitar na prática docente dos professores é mais complicado, pelo simples fato que é mais difícil acompanhar essas práticas quando os estudantes se formam e vão trabalhar. Para uma aproximação a esse universo estabeleceu-se contato com o professor *Xabi*, que relata seu uso de HQ nas aulas com ensino fundamental:

Neste ano, comecei a trabalhar com os sextos e sétimos anos do Ensino Fundamental na disciplina de Ciências. Antes das aulas começarem, tinha em mente a ideia de que poderia

usar e abusar da criatividade inerente a esta fase da vida. (...) Por conta disso pensei em várias atividades que tirassem proveito dessa criatividade, como a produção de textos, desenhos, cartazes, panfletos, histórias em quadrinhos ...

Neste bairro há problemas com a dengue. Aproveitando o assunto resolvi introduzir o assunto no conteúdo do bimestre. Após algumas aulas de pesquisas sobre vetores e leitura de textos a respeito do assunto, pedi aos alunos que produzissem histórias em quadrinhos cujo tema principal da história seria livre, mas em algum momento da história deveria aparecer o mosquito transmissor da dengue. O objetivo inicial era estimular a criatividade dos alunos.

Nota-se que há semelhanças dessa proposta com aquela desenvolvida na atividade formativa que se está analisando, contudo evidentemente há uma recriação da proposta para o contexto específico, o que denota autonomia do professor. Os resultados que Xabi aponta são animadores: *“Já observei alunos comparando suas histórias em outros momentos, inclusive pegando HQs profissionais na biblioteca para inspirarem-se e usarem elementos em suas próprias histórias”*. Segundo seu relato os estudantes ficaram bem animados com a tarefa proposta, e alguns demonstraram muita criatividade ao compor suas histórias. Que o ciclo continue, e tenhamos mais alunos criativos se formando em nossas escolas!

A proposta aqui avaliada conjuga, numa das frentes analisadas, o potencial comunicativo dos quadrinhos e aceitação dessa linguagem entre o público jovem para apresentar conceitos ligados à ciência - que situa a revista no universo da divulgação científica. Num outro ângulo aponta seu potencial formativo, com implicações na vida profissional, evidenciado nas ações de docente em exercício que passaram pelo processo de produção no contexto de formação de professores na licenciatura em biologia, quando foram discutidos aspectos referentes à comunicação visual no ensino das ciências. Academicamente, o projeto contempla o Ensino, a Pesquisa e a Extensão, tripé fundamental das atividades de uma IES; na perspectiva formativa os dados apresentados e discutidos sugerem que há ganhos com a experiência vivida na graduação, seja pelo repertório metodológico devido ao uso de linguagens de quadrinhos e pelos bons resultados disso entre os estudantes do ensino básico, seja pela autonomia desenvolvida, indicada nas ações docentes apresentadas.

Agradecimentos e apoios

Pró-reitoria de Extensão da UFSCar - ProEx-UFSCar

Referências

- ALMEIDA, M. J. **Imagens e sons – A nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 1994.
- ANDRAUS, G. & SANTOS NETO, E. *Dos zines ais biograficzines: compartilhar narrativas de vida e formação com imagens, criatividade e autoria* in MUNIZ, C. (Org.) **Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si**. Fortaleza Edições UFC, 2010
- CARUSO, F.; CARVALHO, M.; SILVEIRA, M. **Uma proposta de ensino e divulgação de ciências através dos quadrinhos**. Ciência & Sociedade Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), 2002.
- FRANCO, E. S. **Hqtrônicas: do suporte papel à rede internet** São Paulo: Annablume FAPESP, 2005
- DANTON, G. (OLIVEIRA, I. C. A). **A divulgação científica nos quadrinhos: Análises do caso Watchmen**. Dissertação (Mestrado) da Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo: 1997. Disponível em: < http://virtualbooks.terra.com.br/livros_online/gian/01.htm >. Acesso em: 16 abr. 2012.
- MARIN, A.J. *Propondo um novo paradigma para formar professores a partir das dificuldades e necessidades históricas nessa área* in: MIZUKAMI, M.G.N. & REALI, A.M.M.R. (orgs) – **Formação de professores: tendências atuais** – São Carlos: EDUFSCar, 1996.
- MOREIRA, I. C.. **A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil**. Inclusão Social (Versão Online), v. 1, p. 11-16, 2006.
- RAMA, A. & VERGUEIRO, W. (orgs.) **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Ed Contexto, 2007
- ROGERS, C. R. **Um jeito de Ser**. São Paulo: EPU, 1983.
- _____ **Grupos de Encontro**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- SANTOS NETO, E. **Por uma educação transpessoal** Rio de Janeiro: Lucerna, 2006